

a compreensão do discurso e a produção do sentido pela ótica da complexidade

¹ Adriana A. P.,  ² Gasperim R. S.,  ³ Maria Fernanda L. O. 

¹ centro federal de educação tecnológica de minas gerais

² universidade federal de lavras

³ universidade estadual de montes claros

* e-mail de contato principal: gasperim.souza@ufla.br

resumo

este artigo, resultante de uma revisão bibliográfica, tem como objetivo proporcionar uma alternativa epistemológica que permita ampliar a compreensão do conceito de discurso e a produção de sentido, a partir da metáfora dos sistemas adaptativos complexos (SAC), sustentada em alguns dispositivos propostos por Orlandi (1999, 2020), como, por exemplo, a memória, a historicidade, o interdiscurso e as condições de produção para a produção de sentido. Nesse sentido, é importante entender o discurso e a produção de sentido, analisando-os a partir das propriedades dos SACs tais como heterogeneidade, dinamicidade, não-linearidade, abertura e adaptação. Tal análise permite ao leitor compreender os sentidos existentes em discursos materializados historicamente através das relações de poder. A partir das discussões realizadas neste trabalho, depreendemos que o discurso, como prática de linguagem, possui sentido aberto e incompleto, evidenciando sua abertura e dinamicidade por meio do interdiscurso e da historicidade, para além das relações causais e lineares entre sujeitos e sentidos. A compreensão desses aspectos contribui para identificar e enfrentar as desigualdades nas relações de poder articuladas através dos discursos.

palavras-chave: sistemas adaptativos complexos; interdiscurso; relações de poder.

como citar este artigo

Pinto, A. A., Souza, G. R., & Oliveira, M. F. L. (2022). A compreensão do discurso e a produção do sentido pela ótica da Complexidade. *Revista Letra Magna*, 18 (29), 133-141, doi <https://doi.org/10.47734/lm.v18i29.1989>

introdução⁴⁹

Um dos maiores desafios ao se estudar a linguagem humana é tentar compreender como “ela sempre nos apresenta uma nova face reafirmando seu caráter de opacidade, dinamicidade e relação direta com a sociedade” (Lordes, 2014, p. 2). Esse comportamento da linguagem é manifesto em todas as práticas nas quais ela está presente e relaciona-se à sua incompletude. Orlandi (2001, p. 11) afirma que a incompletude é “constitutiva da linguagem”. A autora considera, ainda, a linguagem como um sistema, que pode ser entendido como aberto, ao afirmar que “[a] linguagem é um sistema de relações de sentidos onde, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um”. (2001, p. 20).

Ao utilizar a expressão ‘um sistema’, a autora complementa essa explicação, conforme a citação supracitada, referindo-se à linguagem como um sistema aberto. Embora Orlandi não detalhe sua explicação acerca da palavra sistema, autoras como Larsen-Freeman e Cameron (2008), Paiva e Nascimento (2009) explicam que a língua e a linguagem, ou lingua(gem) são sistemas adaptativos complexos (doravante SAC) caracterizados por sua abertura [grifo nosso], além de possuírem outras características que serão explicitadas na seção seguinte deste artigo. Considerando que o discurso⁵⁰ é “uma prática de linguagem” (ORLANDI, 2020, p. 13), ele também é um SAC. Diante disso podemos nos perguntar: Qual a importância da compreensão do discurso como um SAC? Quais os desdobramentos disso para a produção de sentido?

A reflexão subsidiada por essas perguntas é relevante uma vez que, tanto para leigos, como para analistas do discurso, a metáfora dos SAC é uma possibilidade de ampliar a compreensão sobre a natureza do

discurso e a produção de sentidos. A escolha pelo uso de uma metáfora é devido ao fato de ela tornar mais compreensível ideias abstratas e complexas (Lakoff & Johnson, 2003). Corroborando e ampliando essa ideia, Nascimento (2016, p. 16) assevera que “numa perspectiva discursiva, portanto, a metáfora é um recurso importante de uso da linguagem [sendo] uma maneira poderosa de expressar sentimentos e emoções”.

De acordo com o exposto acima, este artigo pretende, a partir da metáfora dos sistemas adaptativos complexos, promover uma alternativa epistemológica que permita ampliar a compreensão do conceito de discurso e a produção de sentido ancorada em alguns dispositivos propostos por Orlandi (2020) tais como a memória, o interdiscurso e as condições de produção para a produção de sentido.

Para efeito de organização deste artigo, primeiramente discutiremos o conceito de sistemas e sistemas adaptativos complexos. Daí, explicitamos como o discurso pode ser compreendido como um SAC. Em seguida, analisamos os dispositivos propostos por Orlandi (1999, 2020) para produção de sentido no discurso e a forma como eles podem ser compreendidos a partir da metáfora dos Sistemas Adaptativos Complexos. Uma vez que apresentamos essa análise, finalizamos este artigo com algumas reflexões sobre a importância de ampliarmos a compreensão sobre o conceito de discurso e a produção de sentido.

de sistema a sistema adaptativo complexo

De acordo com Larsen-Freeman e Cameron (2008), um sistema⁵¹ é definido como um conjunto de elementos que interagem entre si para realizar algum objetivo. As referidas autoras usam como exemplo de sistema um semáforo cujas partes operam juntas de forma a mostrar informações visuais, representadas pelas

⁴⁹ Agradecemos à professora Doutora Carla Moreira (CEFET-MG) por sua leitura atenta e grandes contribuições para a produção deste artigo.

⁵⁰ Neste trabalho, desenvolvemos nossas reflexões a partir da ideia de discurso seguindo a Análise do Discurso (AD) de linha francesa proposta por Pêcheux.

⁵¹ A ideia de sistema é advinda da Teoria dos Sistemas Dinâmicos (CAPRA, 1996), que por sua vez influenciou a Teoria do Caos / Complexidade. Larsen-Freeman, em 1997, publicou seu artigo seminal intitulado “Chaos/Complexity Science and second language acquisition”, através do qual ela revisita as referidas teorias e destaca os sistemas adaptativos complexos e suas implicações para a compreensão da lingua(gem).

cores em movimento. Todavia, esse sistema não interage com os motoristas de forma a alterar suas propriedades. Alguns sistemas, contudo, possuem mais elementos e interagem com o ambiente externo. Esses sistemas são chamados de sistemas complexos.

Num sistema complexo, cada componente ou agente encontra-se em um meio ambiente produzido por sua própria interação com outros agentes do sistema. Cada componente está, constantemente, agindo e reagindo ao que outros agentes estão fazendo e por causa disso nada em seu meio ambiente é fixo (Waldrop, 1992, p. 145).

Uma das características desses sistemas é a forma como estão em constante mudança diante das diversas interações com outros agentes, como lemos no trecho acima. Diante disso, esses sistemas também são conhecidos como Sistemas Adaptativos Complexos que vão desde uma célula em nosso corpo até a própria língua e linguagem ou simplesmente língua(gem), uma vez que, Paiva considera que os dois termos são intercambiáveis na perspectiva da Complexidade (Paiva, 2009). De acordo com Larsen-Freeman e Cameron (2008), a língua(gem) tem pelo menos cinco características presentes nos SAC, a saber, heterogeneidade, dinamicidade, não-linearidade, abertura e adaptação.

Na seção seguinte, discutiremos como o discurso pode ser caracterizado como um sistema adaptativo complexo a partir daquelas cinco características. É importante frisar, contudo, que embora usemos o termo 'características' para nos referir aos SAC, não estamos dizendo que o discurso em si tem características. Afinal, o discurso propicia uma "imprevisibilidade na relação sujeito com o sentido, da linguagem com o mundo ..., no entanto, tem formas de controle da interpretação, que são historicamente determinadas" (Orlandi, 2020, p. 8). Essa historicidade do discurso ao mesmo tempo que não o torna previsível em termos de caracterização, é que o permite ser multifacetado tal como um sistema adaptativo complexo.

o discurso como um

sistema adaptativo complexo

Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 161) afirmam que o discurso é um sistema adaptativo complexo em ação "com pessoas como agentes sociais, usando outro sistema complexo que é a linguagem e outras semioses que interagem entre si". Dessa forma, o discurso pode ser compreendido a partir da heterogeneidade, dinamicidade, não linearidade, abertura e adaptação presentes nos SAC. Vejamos como essas propriedades emergem no discurso como um SAC.

Primeiramente, no que concerne à heterogeneidade, essa propriedade consiste na variedade de elementos que podem fazer parte de um sistema. Larsen-Freeman e Cameron (2008) explicam que os elementos, ou componentes de um sistema podem ser processos ou agentes que também podem ser, por si só, outros sistemas adaptativos complexos. A exemplo disso, podemos pensar em uma célula que é um elemento dos tecidos. Contudo, cada célula possui muitos elementos em seu interior, assim como um tecido possui vários elementos além das próprias células. A linguagem, por sua vez, também possui muitos elementos, tais como emissor, código, mensagem, canal, receptor e referente (Mussalin & Bentes, 2009). A natureza da linguagem é heterogênea uma vez que os próprios textos o são como afirma Orlandi: "Todo texto é heterogêneo: quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos (imagem, som, grafia, entre outros); quanto à natureza das linguagens (oral, escrita, científica, literária, narrativa, descrição, entre outros afins); quanto às posições do sujeito" (2020, p. 68).

Essa heterogeneidade reflete-se nas práticas discursivas (Maingueneau, 1997) ao passo que "a análise do discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas" (Orlandi, 2020, p. 60). Ainda de acordo com Orlandi, o próprio texto possui em seu interior "diferentes processos de significação" (Orlandi, 2020, p. 60). A heterogeneidade também está relacionada ao fato de que estruturas diferentes emergem das constantes mudanças que o sistema sofre, como uma evidência da dinamicidade.

A dinamicidade é a propriedade de um SAC que explica porque tudo muda e porque isso ocorre o tempo todo. Enquanto seres humanos compreendemos a

dinamicidade pela dimensão temporal que nos faz testemunhar e protagonizar diversas mudanças. Larsen-Freeman e Cameron (2008) usam celebrações e festivais para explicar a dinamicidade do tempo. No caso do discurso, existe uma dimensão histórica, social e ideológica que faz com o que os textos sejam compreendidos como “como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas” (Bentes, 2001, p. 246-247). Com relação aos dizeres presentes nos textos e, conseqüentemente, nos discursos produzidos neles, Orlandi nos alerta que

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender (...) Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi (Orlandi, 2020, p. 28).

Os dizeres, ditos e não-ditos como lemos acima, são exemplos da dinamicidade dos efeitos de sentido que se deslocam em condições determinadas. Essas condições, contudo, não podem ser pré-determinadas ou analisadas sob uma lógica de causa e efeito. Tradicionalmente, a comunicação tem sido descrita de forma linear prevendo uma relação de causa e efeito considerando o emissor, o receptor e outros elementos desse sistema. Em uma direção oposta, o discurso desmantela essa linearidade.

Não há a linearidade na disposição dos elementos na comunicação como se a mensagem resultasse assim de um processo serializado. (...) Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica. Eles estão realizando ao mesmo tempo, o processo de significação e não estão separados de forma estanque (Orlandi, 2020, p. 19).

A simultaneidade existente no processo de significação entre emissor e

receptor ressaltam o discurso pela sua não-linearidade. A não-linearidade é resultado da dinâmica das interações entre os elementos do sistema heterogêneo. De acordo com Parreiras (2005, p. 203) “essa propriedade refere-se à falta de proporcionalidade entre causa e efeito, isto é, os efeitos das ações exercidas sobre o sistema não são proporcionais às forças que tais ações aplicam sobre os mesmos”. Aplicando essa ideia ao discurso, podemos dizer que nenhum elemento pode ser utilizado como uma única causa de um acontecimento discursivo (Pêcheux, 2006). Para exemplificar isso, Orlandi enfatiza que para entender o funcionamento do discurso, não podemos “opor o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto” (Orlandi, 2020, p. 20). Todos esses elementos são condições iniciais (e nunca finais) do discurso e sua historicidade.

De acordo com Larsen-Freeman e Cameron (2008), um SAC é sensível às condições iniciais pelo fato de ele ser aberto. A abertura de um sistema significa que ele está aberto à energia e à matéria que podem vir do ambiente externo e integrar o sistema. No caso do discurso, como SAC, essa troca é possível porque “não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (Orlandi, 2020, p. 60). Orlandi explica que o discurso é sempre um processo em curso, o que faz dele uma prática ao invés de um conjunto de textos. Ela ainda acrescenta que a compreensão da linguagem presente na produção discursiva depende de se relacionar essa “linguagem a sua exterioridade” (Orlandi, 2020, p. 43). A autora aumenta nossa compreensão sobre essa exterioridade ao frisar que “há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (tramas de sentido) nele” (Orlandi, 2020, p. 66).

Dessa forma, os discursos trazem a discursivização da história, das questões políticas e das relações de poder. O discurso é a mediação entre o homem e sua realidade social e histórica e é por meio do discurso que o homem se transforma. A transformação do homem evidencia a transformação do próprio discurso que se adapta. A adaptação é o processo no qual o sistema se ajusta em resposta às mudanças que ele sofre. Larsen-Freeman e Cameron (2008) afirmam que nos

sistemas adaptativos, a mudança em uma área do sistema leva à mudança no sistema como um todo. No que concerne ao discurso, ele não pode ser aprisionado em macrocaracterísticas tipológicas porque ele possui diferentes modos de funcionamento e efeitos de sentido.

produção de sentido no discurso — ótica dos sistemas adaptativos complexos

A partir da compreensão da língua(gem) e do discurso como SAC, torna-se importante entender a produção do sentido, analisando as características dos SAC e o funcionamento da Análise de Discurso (AD), de forma que a metáfora dos SAC possa auxiliar na compreensão da produção de sentidos no discurso, por meio da interação dinâmica que temos nas mais diversas situações sociais permeadas pelo uso da língua(gem). E essa mediação feita pela língua(gem) se estabelece em “relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (Orlandi, 1999, p. 21). Desta forma, o discurso passa a ser efeito de sentidos na interação entre locutores que participam ativamente do processo de produção. Nesse processo, dispositivos tais como a memória, o interdiscurso e as condições de produção são analisadas no que se refere ao funcionamento da linguagem no discurso. A partir de agora discutiremos como esses dispositivos podem ser compreendidos a partir da metáfora dos SAC e suas características.

Podemos exemplificar a noção da produção de sentidos sob a ótica da Complexidade com a textualidade inerente à produção textual, uma vez que, segundo Orlandi (1995), ela é fruto da relação do texto consigo e com elementos do exterior. Isso nos permite inferir, então, que essa relação se dá por uma interação dinâmica e complexa que contribui para a produção de sentidos. Cabe ressaltar que, para a Análise de Discurso (AD), as palavras não possuem sentido por si só, mas é a realidade significativa originada no discurso que propicia a interpretação. Na visão dos sistemas adaptativos complexos também não se entende o sentido apenas nas

palavras como estruturas que encerram um sentido, como afirma Paiva (2016).

Sobre esse assunto, Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 163) consideram que

O sentido torna-se, então, um epifenômeno da atividade do discurso do sistema. Por exemplo, quando consideramos duas pessoas engajadas na conversa, sua 'conversa' emerge da dinâmica de como eles conversam entre si, enquanto o que eles dizem reflete e constrói quem são como seres sociais.⁵²

Da mesma maneira, o texto como discurso não se constitui de enunciados com vários sentidos, mas está inserido num processo de significação desenvolvido “de múltiplas formas, em determinadas situações sociais” (Orlandi, 1995, p. 112). Tal afirmação nos permite depreender que as situações sociais que contribuem nesse processo precisam estar em interação, outra característica que define o SAC. E mais, é essa interação originária das “múltiplas formas” de sentidos construídos que traz ao texto o seu caráter de incompletude, nos termos da Análise de Discurso, e de sistema aberto na ótica dos SACs.

É essa incompletude que garante ao discurso o seu inacabamento, pois passa a ser entendido como uma unidade aberta, o que nos leva a entendê-lo como um sistema adaptativo complexo, pois, permite adaptações à produção de sentidos, que serão, por sua vez, heterogêneos e não-lineares. Essas adaptações dependem da relação com outros discursos reais, possíveis ou mesmo os imaginários, com as condições de produção derivadas da relação do sujeito e da situação, e com a exterioridade constitutiva, ou seja, com a memória do dizer.

Ampliando essa exemplificação, é nessa relação com a memória do dizer que entendemos a noção de interdiscurso. Se o interdiscurso trata-se, de acordo com Orlandi (1995, p. 112), da “relação com os sentidos (os mesmos e os outros)”, estamos lidando com uma das características dos SAC, que é a dinamicidade que há na relação da produção de sentidos.

⁵² Sense then becomes an epiphenomenon of the discourse activity of the system. For example, when we consider two people engaged in talk, their 'conversation' emerges from the dynamics of how they talk to each other, while what they say reflects and constructs who they are as social beings. (Tradução nossa).

Paiva (2016), analisando a produção de sentidos em textos multimodais na perspectiva complexa, cita Jewitt (2009, p. 184), e também aponta essa relação ou, como a autora denomina, interação entre os modos da linguagem para a produção de sentidos. Da mesma forma ocorreria com o interdiscurso e a produção de sentidos no discurso como um sistema adaptativo complexo: “Os significados produzidos por qualquer modo estão sempre entrelaçados com os significados gerados por outros modos co-presentes e que colaboraram no evento comunicativo. Essa interação produz significado.”

Esses entrelaçamentos e interação advindos de outros sentidos também podem ser analisados do ponto de vista da historicidade do discurso. A historicidade contribui dinamicamente para a produção dos sentidos entendidos como um SAC, uma vez que é por ela que se compreende como a matéria textual ou discursiva, por exemplo, produz os sentidos. E isso conduz o leitor, no caso da matéria textual, a se relacionar com os “diferentes processos de significação que acontecem no texto [grifo do autor]” (Orlandi, 1995, p. 114).

Observando a historicidade na perspectiva discursiva, Orlandi (1999, p. 25) coloca que “a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”, com isso o sentido é definido em relação a e não pode ser definido isoladamente como algo em si, mas em relação a outros acontecimentos ou fatos da linguagem. A autora aponta que

Se a linguística deixa para fora a exterioridade (que é o objeto das ciências sociais) e as ciências sociais deixam para fora a linguagem (que é objeto da linguística), a AD coloca em questionamento justamente essa relação excludente, transformando, por isso mesmo, a própria noção de linguagem (em sua autonomia absoluta) e a exterioridade (histórico-empírica) (Orlandi, 2004, p. 26).

Nessa relação pode estar inserida a interação entre a história do sujeito e do sentido inseparavelmente: “ao produzir sentido, o sujeito se produz, ou melhor, o sujeito se produz, produzindo sentido” (Orlandi, 1995, p. 114). Essa noção de

historicidade apresentada pela autora está intimamente relacionada à definição de SAC, pois é essa (re)construção do sujeito e do sentido indissociáveis, em que um elemento influencia o outro nessa dinâmica interacional de produção de sentidos, auto-organizando-os de modo a construir, também, a realidade do discurso. Dito de outra forma: “a língua (gem) constrói a realidade na interação com o (s) outro (s) falante (s) de forma dinâmica, não-linear, adaptativa e auto-organizável” (Paiva, 2016, p. 333).

Podemos ainda complementar com a compreensão de Orlandi (2001, p. 27) de que “O sentido, para a AD, não está já fixado a priori como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há a determinação histórica. Ainda um entremeio”. Em se tratando das características do SAC, o sentido não é fixado e pré-determinado e precisa da relação com o entremeio, em função abertura do sistema, principalmente, e também de sua adaptabilidade e não-linearidade na produção do discurso. A respeito desse assunto, Orlandi (2020, p. 30) aponta que “... o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível sustentando cada tomada da palavra”.

A produção do sentido construído por essa memória do dizível, inscrita em uma historicidade, se torna também dinâmica, uma vez que depende das condições de produção que são influenciadas por um interdiscurso, pois a memória também faz parte do discurso, e ela tampouco é linear. Sobre as condições de produção, podemos considerar o contexto imediato (Orlandi, 1999) em que se insere o discurso, o que nos leva a perceber a influência desse contexto, assim como se observa nos sistemas adaptativos complexos.

A característica de dinamicidade na produção de sentidos nos SAC nos permite depreender que a interpretação e os significados não se encerram em si, mas, de acordo com Orlandi (2004, p. 30), “a significância é, no entanto, um movimento contínuo, determinado pela materialidade da língua e da história”. Esse movimento contínuo se torna presente nas condições de produção do discurso marcadas, mais uma vez, pela historicidade da língua, ou seja, pelo interdiscurso.

Nessa continuidade ou dinamicidade, encontramos o interdiscurso que é definido como o que é falado ou escrito antes, também denominado de memória discursiva, como já mencionamos acima. O interdiscurso afeta o modo como os sentidos se produzem em determinada prática de linguagem, pois, é na historicidade que as condições de produção são determinadas.

Nas palavras de Orlandi (1999, p. 32), “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são somente nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras”. Essa constatação torna-se essencial para compreender o funcionamento do discurso. Analisando essa citação sob a ótica dos SAC, é possível inferir, mais uma vez, o caráter dinâmico da linguagem na produção de sentidos e o modo como a memória e a história estão relacionadas ao interdiscurso para tal finalidade.

Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague da memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras (Orlandi, 1999, p. 33-34).

Esse trecho ilustra também a característica de adaptabilidade dos sistemas adaptativos complexos, em que o discurso se adapta às condições de produção de um acontecimento discursivo.

Outro exemplo que podemos citar para ilustrar o caráter dinâmico e adaptativo dos SAC presentes no funcionamento do discurso é a produção de práticas de leitura por meio da relação entre sujeito e sentido organizados pelos gestos de interpretação, como ratifica Orlandi (2020, p. 26-27): “Essa compreensão, por sua vez, implica explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura.” E essas novas práticas de leitura, entendidas como sistemas adaptativos complexos, atuam para produzirem novos sentidos, que continuarão sendo, por sua vez, não-lineares, dinâmicos, abertos, adaptativos e complexos.

Ainda em se tratando das características dos sistemas complexos, podemos observar o discurso como não-linear, pela não relação de causa e efeito que há em um acontecimento discursivo, conferida também pela dinamicidade dos efeitos de sentido. Desta forma, a não-linearidade pode ser compreendida também através das noções de memória e historicidade, ressaltada pelo esquecimento, uma vez que, a memória tampouco funciona seguindo um processo linear. Nesse resgate da memória, alguns discursos não são rememorados, aludindo ao esquecimento na ótica discursiva, pois nós, enquanto sujeitos, e o nosso discurso somos constituídos por aquilo que perdemos ou esquecemos resgatados em “fagulhas de memória” (Eckert-Hoff, 2008, p. 78).

Além disso, é possível observar esse caráter não-linear do discurso a partir da metáfora dos SAC na citação a seguir: “Pela natureza incompleta do sujeito, dos sentidos, da linguagem (do simbólico), ainda que todo sentido se filie a uma rede de constituição, ele pode ser um deslocamento nessa rede. Entretanto, há também injunções à estabilização, bloqueando o movimento significante” (Orlandi, 1999, p. 54).

A relação entre a memória e o esquecimento nos permite inferir a quebra da sequência lógica da produção de sentidos no discurso, rompendo também a lógica de causa e efeito, como se os sentidos já estivessem determinados pelos sujeitos, por exemplo. Isso nos remete à ideia de imprevisibilidade dos SAC, permitindo-nos associar essa ideia ao discurso. A incompletude mencionada, se reverbera, ainda na constituição do sujeito enquanto também constitui os sentidos, no qual a “rede de constituição” se dá de modo linear, à medida em que os fatos vão acontecendo e sendo retomados pela memória. Sobre essa rede e relação, Orlandi (2001) coloca que o sujeito significa, e que nesse processo de significação, ele se significa e (re)significa, buscando aí sempre uma organização, chamada por Orlandi (1999) de estabilização.

A busca por estabilização e organização, próprias de um SAC, nos remete à característica de adaptação que podemos relacionar à questão da produção de sentidos como um processo de adaptação, em que o discurso passa por uma transformação para

criar os efeitos de sentido. Essa adaptação para a produção de sentido passa viés ideológico em que

Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência (Orlandi, 2020, p. 45-46).

Essa transposição de uma forma material em outra nos permite entender como um processo de adaptação de um sistema adaptativo complexo, em que o discurso precisa se auto-organizar e adaptar ao interdiscurso proveniente para que possa produzir sentido dentro da historicidade. Nesse sentido, a ideologia produz evidências para a produção de sentidos que não é imutável. Isso significa que o sentido no discurso depende das condições de produção para produzir sentido, entendido aqui como um sistema adaptativo complexo, aberto, adaptativo, dinâmico, heterogêneo e não-linear,

a metáfora “sistemas adaptativos complexos”— produção de sentido no discurso

Como vimos nas seções anteriores, a metáfora dos Sistemas Adaptativos Complexos no permite entender melhor o que é o discurso e alguns elementos da produção de sentido nele. Essa compreensão é de suma importância para que haja um enfrentamento dos procedimentos de controle do discurso (Foucault, 2014). De acordo com Foucault, esses procedimentos são estratégias historicamente construídas e articuladas de forma a se manter relações desiguais de poder nos diversos âmbitos em que circulam diferentes discursos. Um exemplo desses procedimentos é a determinação das condições de funcionamento do discurso, como ele explica no trecho a seguir.

[Trata-se de] determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, qualificado para fazê-lo (Foucault, 2014, p. 35).

As barreiras colocadas para que os sujeitos tenham acesso aos discursos causa o que Foucault chama de rarefação dos sujeitos ou seu esvaziamento no sentido de serem impedidos de ocupar determinadas posições. O questionamento dessas barreiras presentes nas condições de funcionamento do discurso é fundamental para desestabilizar relações desiguais de poder, ao passo que compreendemos os “processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições” (Orlandi, 2020, p. 70).

Foucault (2014) acrescenta que ainda temos na nossa sociedade um ritual que determina os papéis a serem ocupados pelos sujeitos por meio da apropriação dos discursos que materializam saberes e poderes. Dessa forma, há discursos educacionais, políticos, religiosos, entre outros que estabelecem regras para quem quer fazer uso deles. O enfrentamento das relações de poder historicamente materializadas nesses discursos começa quando as pessoas compreendem melhor o discurso e a produção de sentido neles, o que é propiciado também pela metáfora dos Sistemas Adaptativos Complexos.

conclusão

Neste artigo, tentamos prover ao leitor uma oportunidade de compreender o discurso e a produção de sentido nele através dos Sistemas Adaptativos Complexos. Por meio dessa metáfora, oriunda da Teoria da Complexidade, podemos compreender que o discurso e sua produção de sentido possuem propriedades (não reducionistas) tais como heterogeneidade, dinamicidade, não-linearidade, abertura e adaptação.

Como vimos nas seções anteriores, o discurso como prática de linguagem tem seu sentido sempre aberto, permitindo sua incompletude ao passo que está sempre sujeito a um interdiscurso como evidência de

sua abertura e dinamicidade. O sentido é produzido a partir dos mecanismos ideológicos, perpassado pelas questões históricas possibilitando ao analista de discurso explorar os textos e suas linguagens para além de uma relação de causalidade ou linearidade. O sujeito e os sentidos estão sempre em uma constante transformação adaptando-se à sua historicidade e sendo reconstruídos em suas diferentes materialidades. Esse movimento dos sujeitos e sentidos demandam uma compreensão cada vez maior do discurso e da sua produção de sentido. Aumentar nossa compreensão nesses aspectos significa nos equiparmos para identificar e enfrentar relações desiguais de poder articuladas por meio dos discursos.

referências

- Bentes, A. C. (2001). Linguística Textual. In F. Mussalim, & A. C. Bentes (Org.), *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*, (p. 245-285). Cortez.
- Capra, F. (1996). *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Cultrix.
- Eckert-Hoff, B. M. (2008). *Escrituras de si e identidade: O sujeito-professor em formação*. Mercado de Letras.
- Foucault, M. (2014). *A ordem do discurso*. (L. F. de A. Sampaio, Trad.). Edições Loyola.
- Jewitt, C. (Ed.). (2009). *Routledge Handbook of Multimodal Analysis*. Routledge.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (2003) *Metaphors we live by*. University of Chicago Press.
- Larsen-Freeman, D. (1997). Chaos/Complexity Science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, 18 (2), 141-165, doi [10.1093/applin/18.2.141](https://doi.org/10.1093/applin/18.2.141).
- Larsen-Freeman, D., & Cameron, L. (2008). *Complex systems and applied linguistics*. Oxford University Press.
- Lordes, A. W. (2014). Análise do Discurso: O nascimento de uma disciplina Interdisciplinar. In *V Congresso de Análise do Discurso: Novos Canteiros de trabalho?* Universidade Federal de São Carlos.
- Mainueneau, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. Pontes.
- Mussalim, F., & Bentes, A. C. (Orgs.). (2009). *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*. Cortez.
- Nascimento, T. C. (2016). *Metáforas no pensamento e no discurso: Uma análise cognitivo-discursiva da fala de aprendizes de inglês língua estrangeira sobre sua experiência aprendizagem*, [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Orlandi, E. P. (1995). Texto e discurso. *Revista Organon*, 9 (23), 111-118, doi [10.22456/2238-8915.29365](https://doi.org/10.22456/2238-8915.29365)
- Orlandi, E. P. (2001). *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Vozes.
- Orlandi, E. P. (1999). *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Unicamp.
- Orlandi, E. P. (2004). *Cidade dos sentidos*. Pontes.
- Orlandi, E. P. (2020). *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Unicamp.
- Paiva, V. L. M. O., & Nascimento, M. (2009). (Org.). *Sistemas adaptativos complexos: Língua(gem) e Aprendizagem*. Pontes.
- Paiva, V. L. M. O. (2016). Língua(gem) como sistema complexo e multimodalidade. *ReVEL*, 14 (27), 331-344.
- Parreiras, V. A. (2005). *A sala de aula digital sob perspectiva dos sistemas complexos: Uma abordagem qualitativa*. [Tese de Doutorado]. Univ. Federal de Minas Gerais.
- Pêcheux, M. (2006). *O discurso: Estrutura ou acontecimento*, (E. P. Orlandi, Trad.). Pontes Editores.
- Waldrop, M. M. (1992). *Complexity: The emerging science at the edge of order and chaos*. Simon and Schuster.

recebido em 10/10/2021

aceito em 20/12/2021